



Poemas Brasileiros

INTRODUÇÃO A linguagem de hoje procura usar palavras simples e objetivas, de forma que até as pessoas menos estudadas compreendam o conteúdo. Antigamente a linguagem era mais rebuscada e regrada, hoje em dia, a linguagem está mais livre e "solta". A linguagem da modernidade tanto na estética quanto na vida social apresenta um anticonvencionalismo temático, e inovação dos conteúdos que encontra correspondência também nesta linguagem. Além das inovações técnicas, a linguagem torna-se coloquial e espontânea, mesclando expressões da língua culta com termos populares, e o estilo elevado com o estilo vulgar. Há uma forte aproximação com a fala, isto é, com a oralidade, e geralmente desejam denunciar a realidade como ela é, nua e crua. Assim, liberto da escrita nobre, o artista volta-se para uma forma prosaica de dizer, feita de palavras simples e que inclusive, admite erros gramaticais. Os esforços redefini a linguagem artística que se unem a um forte interesse pelas temáticas nacionalistas.

Tabacaria Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. Janelas do meu quarto, Do meu quarto de um dos milhões do mundo. que ninguém sabe quem é (E se soubessem quem é, o que saberiam?), Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente, Para uma rua inacessível a todos os pensamentos, Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa, Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres, Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens, Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada. Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade. Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer, E não tivesse mais irmandade com as coisas Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada De dentro da minha cabeça, E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida. Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu. Estou hoje dividido entre a lealdade que devo À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, E à sensação de que tudo é sonho, como coisa

Poema em linha reta Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita, Indesculpavelmente sujo. Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho, Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo, Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas, Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante, Que tenho sofrido enxovalhos e calado, Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda; Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel, Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes, Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado [sem pagar, Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado Para fora da possibilidade do soco; Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas, Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo. Toda a gente que eu conheço e que fala comigo Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho, Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida... Quem me dera ouvir de alguém a voz humana Que con

O guardador de rebanhos Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse. Minha alma é como um
pastor, Conhece o vento e o sol E anda pela mão das
Estações A seguir e a olhar. Toda a paz da Natureza
sem gente Vem sentar-se a meu lado. Mas eu fico
triste como um pôr de sol Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície E se sente a noite
entrada Como uma borboleta pela janela. Mas a
minha tristeza é sossego Porque é natural e justa E é
o que deve estar na alma Quando já pensa que existe E
as mãos colhem flores sem ela dar por isso. Como um
ruído de chocalhos Para além da curva da estrada, Os
meus pensamentos são contentes. Só tenho pena de
saber que eles são contentes, Porque, se o não
soubesse, Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes. Pensar incomoda como
andar à chuva Quando o vento cresce e parece que
chove mais. Não tenho ambições nem desejos Ser
poeta não é uma ambição minha É a minha maneira
de estar sozinho. E se desejo às vezes Por imaginar,
ser cordeirinho (Ou ser o rebanho todo Para andar
espalhado por toda a encosta A ser muita cousa feliz
ao mesmo tempo), É só porque sinto o que escrevo ao
pôr do sol, O

Ode marítima Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão, Olho pró lado da barra, olho pró Indefinido, Olho e contenta-me ver, Pequeno, negro e claro, um paquete entrando. Vem muito longe, nítido, cláássico à sua maneira. Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo. Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio, Aqui, acolá, acorda a vida marítima, Erguem-se velas, avançam rebocadores, Surgem barcos pequenos detrás dos navios que estão no porto. Há uma vaga brisa. Mas a minh'alma está com o que vejo menos. Com o paquete que entra, Porque ele está com a Distância, com a Manhã, Com o sentido marítimo desta Hora, Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea, Como um começar a enjoar, mas no espírito. Olho de longe o paquete, com uma grande independência de alma, E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente. Os paquetes que entram de manhã na barra Trazem aos meus olhos consigo O mistério alegre e triste de quem chega e parte. Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos Doutro modo da mesma humanidade noutros pontos. Todo o atracar, todo o largar de navio, É — sinto-o em mim como o meu sangue — Inconscientemente simbólico, ter

Autopsicografia O poeta é um fingidor. Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. E os que leem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. E assim nas calhas de roda Gira, a entreter a razão, Esse comboio de corda Que se chama coração.

Aniversário No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, Eu era feliz e ninguém estava morto. Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos, E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer. No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma, De ser inteligente para entre a família, E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim. Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças. Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida. Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo, O que fui de coração e parentesco. O que fui de serões de meia-província, O que fui de amarem-me e eu ser menino, O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui... A que distância!... (Nem o acho...) O tempo em que festejavam o dia dos meus anos! O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa, Pondo grelado nas paredes... O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas), O que eu sou hoje é terem vendido a casa, É terem morrido todos, É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio... No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Presságio O amor, quando se revela, Não se sabe
revelar. Sabe bem olhar pra ela, Mas não lhe sabe
falar. Quem quer dizer o que sente Não sabe o que há
de dizer. Fala: parece que mente... Cala: parece
esquecer... Ah, mas se ela adivinhasse, Se pudesse
ouvir o olhar, E se um olhar lhe bastasse Pra saber
que a estão a amar! Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente Fica sem alma nem
fala, Fica só, inteiramente! Mas se isto puder contar-
lhe O que não lhe ousou contar, Já não terei que falar-
lhe Porque lhe estou a falar...

Não sei quantas almas tenho Não sei quantas almas
tenho. Cada momento mudei. Continuamente me
estranho. Nunca me vi nem acabei. De tanto ser, só
tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Quem vê
é só o que vê, Quem sente não é quem é, Atento ao que
sou e vejo, Torno-me eles e não eu. Cada meu sonho
ou desejo É do que nasce e não meu. Sou minha
própria paisagem; Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só, Não sei sentir-me onde estou.
Por isso, alheio, vou lendo Como páginas, meu ser. O
que segue não prevendo, O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li O que julguei que senti.
Releio e digo: “Fui eu?” Deus sabe, porque o escreveu.

Todas as cartas de amor... Todas as cartas de amor são Ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas. Também escrevi em meu tempo cartas de amor, Como as outras, Ridículas. As cartas de amor, se há amor, Têm de ser Ridículas. Mas, afinal, Só as criaturas que nunca escreveram Cartas de amor É que são Ridículas. Quem me dera no tempo em que escrevia Sem dar por isso Cartas de amor Ridículas. A verdade é que hoje As minhas memórias Dessas cartas de amor É que são Ridículas. (Todas as palavras esdrúxulas, Como os sentimentos esdrúxulos, São naturalmente Ridículas.)

O cego e a guitarra O ruído vário da rua Passa alto por
mim que sigo. Vejo: cada coisa é sua Oiço: cada som é
consigo. Sou como a praia a que invade Um mar que
torna a descer. Ah, nisto tudo a verdade É só eu ter
que morrer. Depois de eu cessar, o ruído. Não, não
ajusto nada Ao meu conceito perdido Como uma flor
na estrada. Cheguei à janela Porque ouvi cantar. É um
cego e a guitarra Que estão a chorar. Ambos fazem
pena, São uma coisa só Que anda pelo mundo A fazer
ter dó. Eu também sou um cego Cantando na estrada,
A estrada é maior E não peço nada.

MARIO ANDRADE Aceitarás o amor como eu o
encaro?... Aceitarás o amor como eu o encaro ?... ..
Azul bem leve, um nimbo, suavemente Guarda-te a
imagem, como um anteparo Contra estes móveis de
banal presente. Tudo o que há de melhor e de mais
raro Vive em teu corpo nu de adolescente, A perna
assim jogada e o braço, o claro Olhar preso no meu,
perdidamente. Não exijas mais nada. Não desejo
Também mais nada, só te olhar, enquanto A realidade
é simples, e isto apenas. Que grandeza... a evasão
total do pejo Que nasce das imperfeições. O encanto
Que nasce das adorações serenas.

Descobrimento Abancado à escrivaninha em São Paulo Na minha casa da rua Lopes Chaves De supetão senti um friúme por dentro. Fiquei trêmulo, muito comovido Com o livro palerma olhando pra mim. Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus! muito longe de mim Na escuridão ativa da noite que caiu Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos, Depois de fazer uma pele com a borracha do dia, Faz pouco se deitou, está dormindo. Esse homem é brasileiro que nem eu.

Moça Linda Bem Tratada Moça linda bem tratada,
Três séculos de família, Burra como uma porta: Um
amor. Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e
sexo, Burro como uma porta: Um coió. Mulher
gordaça, filó, De ouro por todos os poros Burra como
uma porta: Paciência... Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.

Retrato de Novembro I Os trabalhadores protestam na rua, Excelência. Não me incomodam! Como?! Não vou sair para essas bandas! Querem avistar-se com Vossa Excelência. Não os conheço! Já estão a fazer barulho. Manda-os embora! Não abalam. Manda-os calar! Não nos escutam, Excelência. Bom, somos um país livre! Mas a gritaria vai-nos incomodar. Fecha as portas e as janelas! Mesmo assim os ouviremos. Tapa os ouvidos! Também não resulta, Excelência. Então, ignora-os! Como?! Finge que não existem! Vai ser difícil, Excelência. Mas não impossível! II E os massacres no Alentejo, Excelência? Oh nada de extraordinário a assinalar Senão os coveiros já teriam reclamado Horas suplementares!

Poemas da Amiga A tarde se deitava nos meus olhos E
a fuga da hora me entregava abril, Um sabor familiar
de até-logo criava Um ar, e, não sei porque, te percebi.
Voltei-me em flor. Mas era apenas tua lembrança.
Estavas longe doce amiga e só vi no perfil da cidade O
arcanjo forte do arranha-céu cor de rosa, Mexendo
asas azuis dentro da tarde. Quando eu morrer quero
ficar, Não contem aos meus amigos, Sepultado em
minha cidade, Saudade. Meus pés enterrem na rua
Aurora, No Paissandu deixem meu sexo, Na Lopes
Chaves a cabeça Esqueçam. No Pátio do Colégio
afundem O meu coração paulistano: Um coração vivo
e um defunto Bem juntos. Escondam no Correio o
ouvido Direito, o esquerdo nos Telégrafos, Quero saber
da vida alheia Sereia. O nariz guardem nos rosais, A
língua no alto do Ipiranga Para cantar a liberdade.
Saudade... Os olhos lá no Jaraguá Assistirão ao que há
de vir, O joelho na Universidade, Saudade... As mãos
atirem por aí, Que desvivam como viveram, As tripas
atirem pro Diabo, Que o espírito será de Deus. Adeus.

Lundu do Escritor Difícil Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila, Porém essa culpa é fácil
De se acabar numa vez: É só tirar a cortina Que entra
luz nesta escurez. Cortina de brim caipora, Com teia
caranguejeira E enfeite ruim de caipira, Fale fala
brasileira Que você enxerga bonito Tanta luz nesta
capoeira Tal-e-qual numa gupiara. Misturo tudo num
saco, Mas gaúcho maranhense Que pára no Mato
Grosso, Bate este angu de caroço Ver sopa de caruru;
A vida é mesmo um buraco, Bobo é quem não é tatu!
Eu sou um escritor difícil, Porém culpa de quem é!...
Todo difícil é fácil, Abasta a gente saber. Bajé, pixé,
chué, ôh “xavié” De tão fácil virou fóssil, O difícil é
aprender! Virtude de urubutinga De enxergar tudo de
longe! Não carece vestir tanga Pra penetrar meu
caçanje! Você sabe o francês “singé” Mas não sabe o
que é guariba? — Pois é macaco, seu mano, Que só
sabe o que é da estranja.

Cantam Passaros Exoticos no Teu Pubis Cantam pássaros exóticos no teu púbis. Como espelhar graficamente uma melodia de sonho? Cantam pássaros exóticos no teu púbis. Como definir a breve vertigem nos momentos de lucidez? Cantam pássaros exóticos no teu púbis. Como descrever o frémito singular com as palavras banais de todos os dias? Cantam pássaros exóticos no teu púbis. Cantam. Ou imagino-os. Oiço-os. Ou adivinho-os. Quantas decepções cabem no abismo que separa A Sensação de A Palavra? Cantam pássaros exóticos no teu púbis. Para nós ambos, no vórtice do delírio. Como ouvi-los sem ser a deliberar? E como delirar sem os ouvir? Cantam pássaros exóticos no teu púbis. O êxtase está além do abraço desesperado além dos copos do peito além da sanguessuga labiar além das ancas convulsivas além dos rostos de mármore esbraseados Cantam pássaros exóticos no teu púbis. E só ouvindo-os nos amamos como sonhamos.

Eterna Presença Este feliz desejo de abraçar-te, Pois que tão longe tu de mim estás, Faz com que te imagine em toda a parte Visão, trazendo-me ventura e paz. Vejo-te em sonho, sonho de beijar-te; Vejo-te sombra, vou correndo atrás; Vejo-te nua, oh branco lírio de arte, Corando-me a existência de rapaz... E com ver-te e sonhar-te, esta lembrança Geratriz, esta mágica saudade, Dá-me a ilusão de que chegaste enfim; Sinto alegrias de quem pede e alcança E a enganadora força de, em verdade, Ter-te, longe de mim, juntinho a mim.

Quarenta Anos A vida é para mim, está se vendo, Uma
felicidade sem repouso; Eu nem sei mais se gozo, pois
que o gozo Só pode ser medido em se sofrendo. Bem
sei que tudo é engano, mas sabendo Disso, persisto
em me enganar... Eu ousou Dizer que a vida foi o bem
precioso Que eu adorei. Foi meu pecado... Horrendo
Seria, agora que a velhice avança, Que me sinto
completo e além da sorte, Me agarrar a esta vida
fementida. Vou fazer do meu fim minha esperança, Oh
sono, vem!... Que eu quero amar a morte Com o
mesmo engano com que amei a vida.

Soneto Tanta lágrima hei já, senhora minha,
Derramado dos olhos sofredores, Que se foram com
elas meus ardores E ânsia de amar que de teus dons
me vinha. Todo o pranto chorei. Todo o que eu tinha,
caiu-me ao peito cheio de esplendores, E em vez de aí
formar terras melhores, Tornou minha alma sáfara e
maninha. E foi tal o chorar por mim vertido, E tais as
dores, tantas as tristezas Que me arrancou do peito
vossa graça, Que de muito perder, tudo hei perdido!
Não vejo mais surpresas nas surpresas E nem chorar
sei mais, por mor desgraça!

MANUEL BANDEIRA Vou-me Embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá
tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada Vou-me embora pra
Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é uma
aventura De tal modo inconsequente Que Joana a
Louca de Espanha Rainha e falsa demente Vem a ser
contraparente Da nora que nunca tive E como farei
ginástica Andarei de bicicleta Montarei em burro
brabo Subirei no pau-de-sebo Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando
chamar a mãe-d'água Pra me contar as histórias Que
no tempo de eu menino Rosa vinha me contar Vou-me
embora pra Pasárgada Em Pasárgada tem tudo É
outra civilização Tem um processo seguro De impedir
a concepção Tem telefone automático Tem alcaçoide à
vontade Tem prostitutas bonitas Para a gente
namorar E quando eu estiver mais triste Mas triste de
não ter jeito Quando de noite me der Vontade de me
matar — Lá sou amigo do rei — Terei a mulher que eu
quero

Pneumotórax Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos. A vida inteira que podia ter sido e que não foi. Tosse, tosse, tosse. Mandou chamar o médico: — Diga trinta e três. — Trinta e três... trinta e três... trinta e três... — Respire. — O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado. — Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax? — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Andorinha Andorinha lá fora está dizendo: — “Passei o dia à toa, à toa!” Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste! Passei a vida à toa, à toa...

Os Sapos Enfunando os papos, Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos. A luz os deslumbra. Em ronco
que aterra, Berra o sapo-boi: — “Meu pai foi à
guerra!” — “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”. O sapo-
tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: — “Meu cancionero
É bem martelado. Vede como primo Em comer os
hiatos! Que arte! E nunca rimo Os termos cognatos. O
meu verso é bom Frumento sem joio. Faço rimas com
Consoantes de apoio. Vai por cinquenta anos Que lhes
dei a norma: Reduzi sem danos A fôrmas a forma.
Clame a saparia Em críticas céticas: Não há mais
poesia, Mas há artes poéticas...”

Poética Estou farto do lirismo comedido Do lirismo bem comportado Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor. Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo. Abaixo os puristas Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis Estou farto do lirismo namorador Político Raquítico Sifilítico De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo De resto não é lirismo Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc Quero antes o lirismo dos loucos O lirismo dos bêbedos O lirismo difícil e pungente dos bêbedos O lirismo dos clowns de Shakespeare — Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Cartas de Meu Avô A tarde cai, por demais Erma,
úmida e silente... A chuva, em gotas glaciais, Chora
monotonamente. E enquanto anoitece, vou Lendo,
sossegado e só, As cartas que meu avô Escrevia a
minha avó. Enternecido sorriso Do fervor desses
carinhos: É que os conheci velhinhos, Quando o fogo
era já frio. Cartas de antes do noivado... Cartas de
amor que começa, Inquieto, maravilhado, E sem saber
o que peça. Temendo a cada momento Ofendê-la,
desgostá-la, Quer ler em seu pensamento E balbucia,
não fala... A mão pálida tremia Contando o seu grande
bem. Mas, como o dele, batia Dela o coração também.

O Último Poema Assim eu queria meu último poema Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Consoada Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável), talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga: — Alô, iniludível! O meu dia foi
bom, pode a noite descer. (A noite com os seus
sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa
limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar.

O Anel de Vidro Aquele pequenino anel que tu me deste, — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou Assim também o eterno amor que prometeste, — Eterno! era bem pouco e cedo se acabou. Frágil penhor que foi do amor que me tiveste, Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, — Aquele pequenino anel que tu me deste, — Ai de mim — era vidro e logo se quebrou Não me turbou, porém, o despeito que investe Gritando maldições contra aquilo que amou. De ti conservo no peito a saudade celeste Como também guardei o pó que me ficou Daquele pequenino anel que tu me deste

Porquinho-da-Índia Quando eu tinha seis anos Ganhei um porquinho-da-índia. Que dor de coração me dava Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão! Levava ele prá sala Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos Ele não gostava: Queria era estar debaixo do fogão. Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas... — O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE A Máquina do Mundo
E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um sino rouco se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas lentamente se fossem diluindo na escuridão maior, vinda dos montes e de meu próprio ser desenganado, a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia. Abriu-se majestosa e circumspecta, sem emitir um som que fosse impuro nem um clarão maior que o tolerável pelas pupilas gastas na inspeção contínua e dolorosa do deserto, e pela mente exausta de mentar toda uma realidade que transcende a própria imagem sua debuxada no rosto do mistério, nos abismos. Abriu-se em calma pura, e convidando quantos sentidos e intuições restavam a quem de os ter usado os já perdera e nem desejava recobrá-los, se em vão e para sempre repetimos os mesmos sem roteiro tristes périplos, convidando-os a todos, em coorte, a se aplicarem sobre o pasto inédito da natureza mítica das coisas, assim me disse, embora voz alguma ou sopro ou eco o simples percussão atestasse que alguém,

Congresso Internacional do Medo Provisoriamente
não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo
dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza
os abraços, não cantaremos o ódio, porque este não
existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso
companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares,
dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães,
o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores,
o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte
e o medo de depois da morte. Depois morreremos de
medo e sobre nossos túmulos nascerão flores
amarelas e medrosas

Poema da purificação Depois de tantos combates o anjo bom matou o anjo mau e jogou seu corpo no rio. As água ficaram tintas de um sangue que não descorava e os peixes todos morreram. Mas uma luz que ninguém soube dizer de onde tinha vindo apareceu para clarear o mundo, e outro anjo pensou a ferida do anjo batalhador.

Poema de Sete Faces Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser
gauche na vida. As casas espiam os homens que
correm atrás de mulheres. A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos. O bonde passa cheio de
pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que
tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos não perguntam nada. O homem
atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não
conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás
dos óculos e do bigode. Meu Deus, por que me
abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias
que eu era fraco. Mundo mundo vasto mundo, se eu
me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria
uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto
é meu coração. Eu não devia te dizer mas essa lua
mas esse conhaque botam a gente comovido como o
diabo.

Tarde de Maio Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos, assim te levo comigo, tarde de maio, quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a terra, outra chama, não perceptível, tão mais devastadora, surdamente lavrava sob meus traços cômicos, e uma a uma, disjecta membra, deixava ainda palpitantes e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza sem fruto. Mas os primitivos imploram à relíquia saúde e chuva, colheita, fim do inimigo, não sei que portentos. Eu nada te peço a ti, tarde de maio, senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível, sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém que, precisamente, volve o rosto e passa... Outono é a estação em que ocorrem tais crises, e em maio, tantas vezes, morremos. Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera, já então espectrais sob o aveludado da casca, trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres com que nos unguiram, e nas vestes a poeira do carro fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos, sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo. E os que o v

Ausência Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

Canção Final Oh! se te amei, e quanto! Mas não foi tanto assim. Até os deuses claudicam em nugas de aritmética. Meço o passado com régua de exagerar as distâncias. Tudo tão triste, e o mais triste é não ter tristeza alguma. É não venerar os códigos de acasalar e sofrer. É viver tempo de sobra sem que me sobre miragem. Agora vou-me. Ou me vão? Ou é vão ir ou não ir? Oh! se te amei, e quanto, quer dizer, nem tanto assim.

Para Sempre Por que Deus permite que as mães vão-se embora? Mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento e chuva desaba, veludo escondido na pele enrugada, água pura, ar puro, puro pensamento. Morrer acontece com o que é breve e passa sem deixar vestígio. Mãe, na sua graça, é eternidade. Por que Deus se lembra — mistério profundo — de tirá-la um dia? Fosse eu Rei do Mundo, baixava uma lei: Mãe não morre nunca, mãe ficará sempre junto de seu filho e ele, velho embora, será pequenino feito grão de milho.

Quadrilha João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

No meio do caminho No meio do caminho tinha uma
pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma
pedra no meio do caminho tinha uma pedra. Nunca
me esquecerei desse acontecimento na vida de
minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei
que no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma
pedra no meio do caminho no meio do caminho tinha
uma pedra.

CECILIA MEIRELES Canção No desequilíbrio dos mares, as proas giram sozinhas... Numa das naves que afundaram é que certamente tu vinhas. Eu te esperei todos os séculos sem desespero e sem desgosto, e morri de infinitas mortes guardando sempre o mesmo rosto Quando as ondas te carregaram meu olhos, entre águas e areias, cegaram como os das estátuas, a tudo quanto existe alheias. Minhas mãos pararam sobre o ar e endureceram junto ao vento, e perderam a cor que tinham e a lembrança do movimento. E o sorriso que eu te levava despreendeu-se e caiu de mim: e só talvez ele ainda viva dentro destas águas sem fim.

Motivo da rosa Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim. Rosas verá, só de
cinzas franzida, mortas, intactas pelo teu jardim. Eu
deixo aroma até nos meus espinhos ao longe, o vento
vai falando de mim. E por perder-me é que vão me
lembrando, por desfolhar-me é que não tenho fim

Motivo Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta. Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo: — mais nada.

Timidez Basta-me um pequeno gesto, feito de longe e de leve, para que venhas comigo e eu para sempre te leve... — mas só esse eu não farei. Uma palavra caída das montanhas dos instantes desmancha todos os mares e une as terras mais distantes... — palavra que não direi. Para que tu me adivinhes, entre os ventos taciturnos, apago meus pensamentos, ponho vestidos noturnos, — que amargamente inventei. E, enquanto não me descobres, os mundos vão navegando nos ares certos do tempo, até não se sabe quando... — e um dia me acabarei.

Noturno Quem tem coragem de perguntar, na noite imensa? E que valem as árvores, as casas, a chuva, o pequeno transeunte? Que vale o pensamento humano, esforçado e vencido, na turbulência das horas? Que valem a conversa apenas murmurada, a erma ternura, os delicados adeuses? Que valem as pálpebras da tímida esperança, orvalhadas de trêmulo sal? O sangue e a lágrima são pequenos cristais sutis, no profundo diagrama. E o homem tão inutilmente pensante e pensado só tem a tristeza para distingui-lo. Porque havia nas úmidas paragens animais adormecidos, com o mesmo mistério humano: grandes como pórticos, suaves como veludo, mas sem lembranças históricas, sem compromissos de viver. Grandes animais sem passado, sem antecedentes, puros e límpidos, apenas com o peso do trabalho em seus poderosos flancos e noções de água e de primavera nas tranqüilas narinas e na seda longa das crinas desfraldadas. Mas a noite desmanchava-se no oriente, cheia de flores amarelas e vermelhas. E os cavalos erguiam, entre mil sonhos vacilantes, erguiam no ar a vigorosa cabeça, e começavam a puxar as imensas rodas do dia. Ah! o despertar dos animais no vasto campo! Este sair do sono, este conti

É preciso não esquecer nada É preciso não esquecer nada: nem a torneira aberta nem o fogo aceso, nem o sorriso para os infelizes nem a oração de cada instante. É preciso não esquecer de ver a nova borboleta nem o céu de sempre. O que é preciso é esquecer o nosso rosto, o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso. O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos, a idéia de recompensa e de glória. O que é preciso é ser como se já não fôssemos, vigiados pelos próprios olhos severos conosco, pois o resto não nos pertence.

Serenata Permite que eu feche os meus olhos, pois é muito longe e tão tarde! Pensei que era apenas demora, e cantando pus-me a esperar-te. Permite que agora emudeça: que me conforme em ser sozinha. Há uma doce luz no silêncio, e a dor é de origem divina. Permite que eu volte o meu rosto para um céu maior que este mundo, e aprenda a ser dócil no sonho como as estrelas no seu rumo.

Lua Adversa Tenho fases, como a lua, Fases de andar escondida, fases de vir para a rua... Perdição da minha vida! Perdição da vida minha! Tenho fases de ser tua, tenho outras de ser sozinha. Fases que vão e que vêm, no secreto calendário que um astrólogo arbitrário inventou para meu uso. E roda a melancolia seu interminável fuso! Não me encontro com ninguém (tenho fases, como a lua...). No dia de alguém ser meu não é dia de eu ser sua... E, quando chega esse dia, o outro desapareceu...

Tu Tens um Medo Tu Tens um Medo Acabar. Não vêes que acabas todo o dia. Que morres no amor. Na tristeza. Na dúvida. No desejo. Que te renovas todo dia. No amor. Na tristeza Na dúvida. No desejo. Que és sempre outro. Que és sempre o mesmo. Que morrerás por idades imensas. Até não teres medo de morrer. E então serás eterno. Não ames como os homens amam. Não ames com amor. Ama sem amor. Ama sem querer. Ama sem sentir. Ama como se fosses outro. Como se fosses amar. Sem esperar. Tão separado do que ama, em ti, Que não te inquiete Se o amor leva à felicidade, Se leva à morte, Se leva a algum destino. Se te leva. E se vai, ele mesmo... Não faças de ti Um sonho a realizar. Vai. Sem caminho marcado. Tu és o de todos os caminhos. Sê apenas uma presença. Invisível presença silenciosa. Todas as coisas esperam a luz, Sem dizerem que a esperam. Sem saberem que existe. Todas as coisas esperarão por ti, Sem te falarem. Sem lhes falares. Sê o que renuncia Altamente: Sem tristeza da tua renúncia! Sem orgulho da tua renúncia! Abre as tuas mãos sobre o infinito. E não deixes ficar de ti Nem esse último gesto! O que tu viste amargo, Doloroso, Difícil, O que tu

